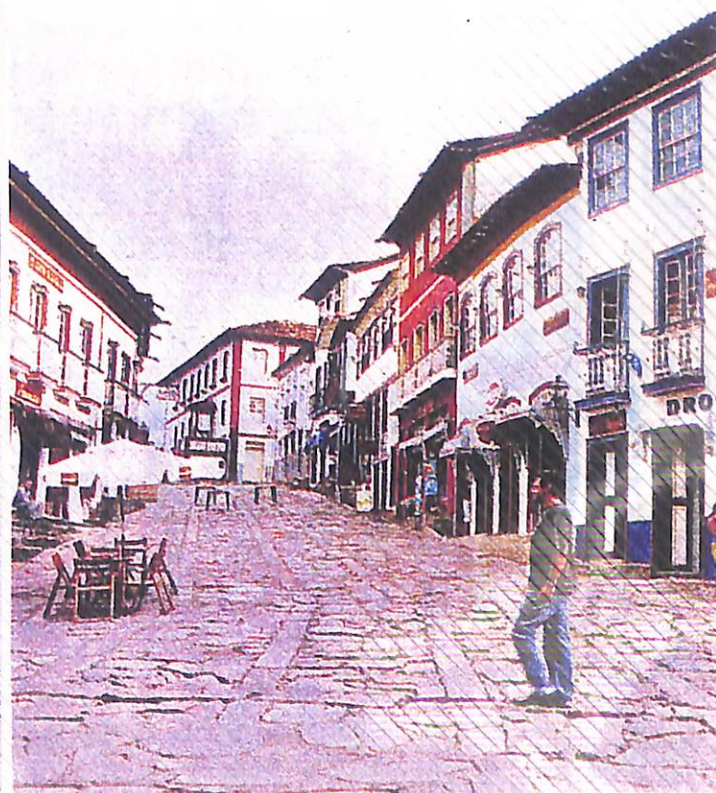
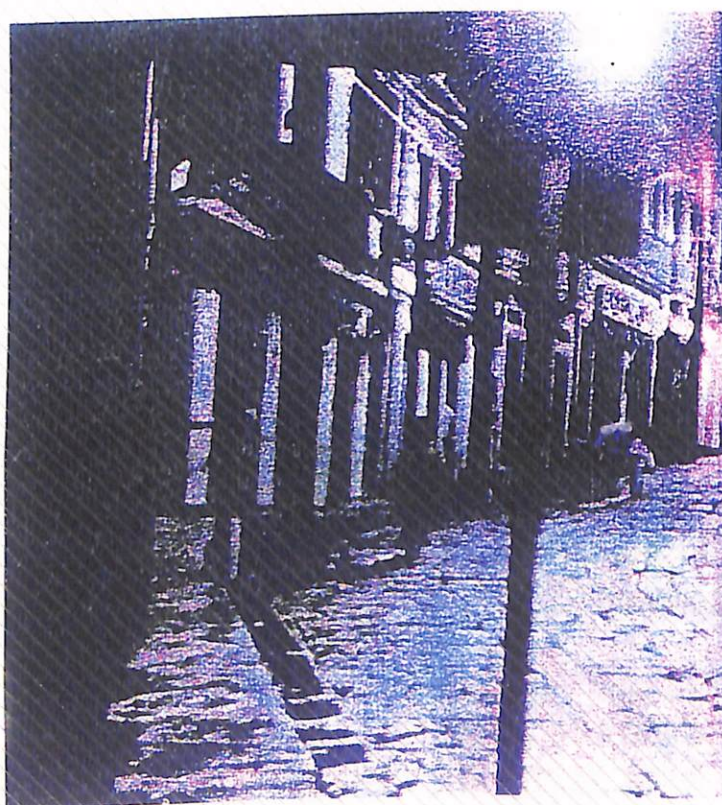


NOITE E DIAMANTE



ROTEIRO
DE
GERALDO SANTOS PEREIRA
COLABORAÇÃO DE JOSÉ DE ANCHIETA DE ASSIS ROCHA

Belo Horizonte
2006

NOITE E DIAMANTE

ROTEIRO

SEQÜÊNCIA 1

INTERIOR – CASA DE FRANCISCA – MANHÃ

1. Fixando em P.P. Francisca, deitada no leito, os olhos fechados, ainda dormindo na manhã friorenta de Diamantina, câmara destaca, ao fundo, a porta que leva ao interior da casa modesta onde Francisca reside com a mãe.

SOM – Batidas na porta.

A porta se abre, surgindo a mãe de Francisca, Rutinéia da Silva, uma negra idosa, os cabelos brancos, preocupada.

Rutinéia se aproxima da cama, toca levemente na filha, dormindo sempre e lhe diz, preocupada:

RUTINÉIA: Francisca... Francisca... Minha filha... São sete e meia! Cê vai chegar atrasada no trabalho!

2. Em nova angulação, câmara enquadra Rutinéia à esquerda, e Francisca à direita, acordando, assustada. Pula da cama, enquanto câmara, em Trav. Atrás, recua e abre o quadro, deixando ver a bela mestiça, sumariamente vestida, que pula da cama, exclamando:

FRANCISCA: Ih, mamãe, perdi a hora! Vou engolir o café e correr pro trabalho!

Rutinéia, já se afastando, comenta com o tom de voz entre zanga e diversão:

RUTINÉIA: Sonhou de novo, né, neguinha?

FRANCISCA: Ah, mamãe..., tava tão bom!

EXTERIOR – RUA CENTRAIS DE DIAMANTINA – MANHÃ

3 a 6 – Instalada nas ruas centrais de Diamantina, câmera, com vários enquadramentos, focaliza Francisca, com modesto traje de trabalho do qual se destaca, no entanto, o belo corpo que caminha rapidamente na direção da empresa de mineração onde trabalha como lapidadora de diamantes.

Câmera destaca um morador da cidade, rapaz meio pilantra, que comenta para um amigo, vendo Francisca pouco à frente:

PILANTRA: Lá vai Francisca, cada vez mais gostosa!

AMIGO: Gostosa, mas não solta de jeito nenhum...

7. Deixando Francisca em P.P. câmera acompanhada em Trav. Atrás o caminhar de Francisca pela rua de Diamantina, deixando ver, no enquadramento, os dois amigos com o olhar libidinoso grudado no corpo da mulata que, numa esquina, se aproxima da mineração, onde trabalha.

INTERIOR – SETOR DE LAPIDAÇÃO DA MINERAÇÃO

8. Em corte direto, câmera focaliza Francisca instalada em seu local de trabalho, no setor de lapidação. Exerce atentamente seu trabalho e parece não ouvir a colega Maria da Glória, a Glorinha, que lhe fala, em tom baixo de voz:

GLORINHA: Psiu... Francisca...

Francisca interrompe o trabalho e se volta para a colega, que lhe fala:

GLORINHA: Chegou um novo diretor, engenheiro... bonitão, casado com a Alice, filha do Altamir, dono da empresa.

Volta-se, assustada, e aponta para o corredor:

GLORINHA: Lá vem ele...

FRANCISCA: Nossa, mãe, que pedaço...

9. Em novo enquadramento, mais largo, câmera detalha a sala de lapidação e destaca o novo diretor que observa o trabalho e se aproxima de Francisca, já se preparando para reiniciar o trabalho. Pára ao lado dela e cumprimenta:

DIRETOR: Bom dia...

Francisca, intimidada, levanta-se, interrompendo o trabalho, e responde:

FRANCISCA: Bom dia, senhor...

10. Câmera inicia lento Trav. Adiante e detalha o diálogo entre Francisca e o novo diretor da mineração, que lhe estende a mão, dizendo:

DIRETOR: Sente-se, por favor. Sou José Fernando de Oliveira, novo diretor-industrial. Qual é seu nome?

FRANCISCA: Francisca... Francisca da Silva.

Aproximando-se mais dos dois personagens, câmera enfatiza Francisca, meio intimidada, mas deixando ver o encanto de suas feições e o corpo que o engenheiro, habilidosamente, percebe e admira, enquanto prolonga o diálogo:

DIRETOR: Há quanto tempo a senhora... você, trabalha aqui?

FRANCISCA: Seis anos, doutor José...

DIRETOR: Corte o *doutor*, Francisca. José Fernando. Fica menos cerimonioso. Volte ao trabalho, por favor.

E se afasta, continuando a visita à unidade, enquanto câmera se aproxima de Francisca e, em P.P., detalha as mãos, o diamante e os aparelhos de lapidação que Francisca executa com perícia.

FUSÃO

EXTERIOR – RUA DA MINERAÇÃO – ANOITECER

11. Ao anoitecer, findo o expediente da mineração, Francisca deixa a empresa e, pelo caminho tradicional, retorna ao lar, passando, pouco adiante, ao lado do carro do novo diretor, José Fernando, que antes de entrar no veículo, avista a funcionária e lhe diz:

DIRETOR: Vai pra casa, Francisca? Entre, levo você.

FRANCISCA: Obrigada. Não é longe, e tenho de fazer umas comprinhas. Muito obrigada.

E segue adiante, enquanto o engenheiro da porta, toma o volante, liga o carro e ultrapassa a funcionária, não sem antes de endereçar-lhe um olhar de cobiça.

SEQUÊNCIA 2

INTERIOR – CASA DE FRANCISCA – NOITE

12. No interior da modesta casa onde reside, um pouco afastada do centro de Diamantina, Francisca prepara-se para dormir, enquanto sua mãe, Rutinéia, assiste ao final da novela de televisão.

Câmera enquadra em P.M., mãe e Francisca que vindo do quarto, ainda em trajes sumários, narra a Rutinéia os acontecimentos da mineração:

FRANCISCA: Chegou de Belo Horizonte um novo diretor. Casado, bonitão. Me ofereceu carona depois do serviço...

Rutinéia, os olhos fixos na televisão, só comenta:

RUTINÉIA: Ih!... o sujeito mal chegou e já tá de olho nocê. Graudão assim, cuidado, minha filha.

FRANCISCA: Ele é casado, mãe!

RUTINÉIA: E isso impede a paquera?...

Francisca se aproxima da mãe, favorecida pela objetiva da câmera, beija-lhe o rosto e se despede, dizendo:

FRANCISCA: Sei dar um jeito nessas paqueras, mamãe, deixa comigo.

Rutinéia, os olhos pregados na televisão, só comenta:

RUTINÉIA: Sei não, filha, homem só quer o bem-bom, cê sabe!

Francisca se afasta e vai para o quarto.

INTERIOR – QUARTO DE FRANCISCA – NOITE

13. Instalada agora no interior do quarto de Francisca, câmera documenta preparativos finais da bela mulata para deitar-se.

Depois que se estende no leito, câmera inicia lento Trav. Avante até fixá-la em P.P. e, a seguir, em P.P.P.

Com a utilização de efeitos especiais, câmera avança cada vez mais, como se fosse a penetrar-lhe nos olhos, enquanto, na trilha sonora, música cria uma estranha atmosfera de mistério, sugerindo o sonho que irá transferir Francisca dos dias atuais para o século 18, nos quais, sempre à noite, a operária de lapidação irá transformar-se na mitológica e famosíssima Chica da Silva.

SOM: Efeito sonoro especial, transferindo Francisca para o século 18, no Arraial do Tijuco, com Francisca revivendo Chica da Silva.

SEQÜÊNCIA 3

EXTERIOR – RUA DE DIAMANTINA – SÉCULO 18 – NOITE

14. Instalada em rua ainda conservando aspectos do século 18, com lampiões lançando sombras na ruas do Arraial do Tijuco, câmera focalizada, em P.M., uma liteira típica da época, carregada por quatro escravos negros. A objetiva identifica, na liteira, a mesma da personagem, que no filme, interpreta a lapidadora da mineração de Diamantina.

Francisca, no entanto, está vestida luxuosamente como Chica da Silva, peruca loura, jóias e adornos que lhe enfeitam o rosto e o corpo. A liteira

se aproxima da objetiva, mostrando a mitológica figura da bela e poderosa amante do Contratador João Gomes de Oliveira, no instante em que, irritadamente, grita para os escravos:

CHICA DA SILVA: Vamos, vamos! Mais depressa seus negrinhos!

15. Instalada no interior da liteira, câmera focaliza em P.P. Chica, repetindo aos escravos:

CHICA DA SILVA: Vamos, depressa, bicho preguiça!

16. Em novo enquadramento, câmera documenta os esforços dos quatro escravos que, assustados com o tom de voz de Chica, quase chegam a correr, levando a liteira e sua passageira para a casa onde reside.

EXTERIOR – CASA DE CHICA DA SILVA – NOITE

17. Chegando diante da luxuosa casa onde reside com o Contratador João Fernandes, Chica desce da liteira e entra.

INTERIOR – CASA DE CHICA DA SILVA – NOITE

18. Instalada agora no interior da casa de Chica e o Contratador, câmera detalha o local, decorado com luxo, e antes mesmo que a bela mestiça vá para o quarto, vê chegar João Fernandes, o mesmo intérprete do engenheiro e novo diretor da empresa de mineração, visto na sequência ambientada na cidade de Diamantina, nos dias atuais.

José Fernando veste-se, evidentemente, como no século 18, possivelmente com barba e novo corte de cabelos.

Meio preocupado, aproxima-se de Chica e lhe fala, ainda de pé, enquanto ela se acomoda num sofá, revelando cansaço:

CONTRATADOR: Hospedei o senhor Conde de Valadares aqui em casa. Está no quarto dos fundos, descansando da viagem.

Chica, meio aborrecida, indaga:

CHICA DA SILVA: Ih, eu não estou gostando nada dessa história. O que veio fazer no Tijuco este maroto?!...

O contratador se aproxima de Chica, senta-se ao seu lado e, baixando o tom de voz, explica:

CONTRATADOR: Ninguém sabe direito. Anunciou oficialmente que é viagem de inspeção ao distrito e às tropas sediadas no Arraial; chegou sem avisar e já foi se instalando aqui.

Depois, seguido pela câmera, levanta-se, passeia pela sala, Chica, que o conhece muito bem, percebe que o Contratador está tenso, muito preocupado, quando, aproximando-se dela, explica:

CONTRATADOR: Há qualquer coisa por trás desta viagem do Capitão-General...Isso está me cheirando coisa de Além-Mar.

CONTRATADOR (continuando): Não sei não, Chica... Que veio fazer, de repente, o representante de El-Rei no Arraial?...Das outras vezes a sua visita sempre era comunicada com antecedência.

19. Mudando a angulação, câmera focaliza Chica que se levanta, aproxima-se do Contratador e, também em voz baixa, comenta:

CHICA DA SILVA: Isso me cheira coisa de inimigo seu, gente invejosa, mal-intencionada! Há muitos canalhas na Capitania e Tejuco, você sabe, João, tá todo mundo de olho nos diamantes.

20. Em nova angulação, câmera aproxima-se do Contratador que, visivelmente aborrecido, vai sentar-se e comenta:

CONTRATADOR: “Viagem de inspeção” é balela, Chica! A coisa é contra mim, não tenho dúvida! É preciso cautela, muita cautela!

Levanta-se, aproxima-se da janela, volta para perto de Chica e comenta:

CONTRATADOR: O conde é homem de artimanhas, além de falso e perigoso!

Câmera avança alguns metros, enquadra Chica em P.P., enquanto ela comenta:

CHICA DA SILVA: Acho que você fez mal em hospedar o maroto em nossa casa, comendo de nosso prato, aproveitando de nossa hospitalidade. Tem um negócio nesse homem que eu não gosto.

O contratador caminha alguns passos, aproxima-se de Chica e, sempre em voz baixa, lhe fala:

CONTRATADOR: É melhor do que ir para casa da Intendência, Chica. Aqui a gente vigia seus passos. E tem uma coisa. Qualquer distração do homem você entra no quarto dele e fareja.

21. Em nova angulação, câmera destaca uma das portas da sala e revela a chegada inesperada do Conde de Valadares. Aproxima-se de Chica e do Contratador, que se levantam, meio assustados e, sem cerimônia, com o forte sotaque lusitano, exclama:

CONDE DE VALADARES: Como está, dona Francisca? Então meu caro Contratador, vamos ao vinho do Porto? Dona Francisca pode nos acompanhar?

Câmera se movimenta na sala e, aproximando-se em “travelling”, coloca em P.P. o Conde e o Contratador, quando este responde:

CONTRATADOR: Com prazer, Senhor Conde. Mas a Francisca gosta mesmo é de champagne francesa, sem desmerecer as videiras de Portugal.

CONDE VALADARES: Tem bom gosto, senhor Contratador. Mas o vinho do porto é melhor do que champagne francesa. É a

bebida preferida por Dona Mariana Vitória de Bourbon.

Ouvindo isso, Chica prepara-se para buscar copos e vinho, dizendo:

CHICA DA SILVA: Vou buscar o Porto.

O Contratador, feliz e bajulatório, exclama, fixando o Conde:

CONTRATADOR: E brindemos à Sereníssima Senhora Dona Mariana!

Ouvem-se, nesse instante, em segundo-plano, batidas de sino da Igreja do Carmo.

SOM: Batidas distantes de sino de Igreja.

Inesperadamente, misturando-se e depois sobrepujando as batidas do sino da igreja do Carmo, no século 18, ouve-se na trilha sonora, a forte buzina de automóvel na Diamantina dos dias atuais.

SOM: Buzina forte de automóvel, trazendo de volta a atualidade.

SEQÜÊNCIA 4

INTERIOR – CASA DE FRANCISCA – MANHÃ

22. A forte buzina de carro traz de volta os dias atuais, na cidade de Diamantina.

Câmera volta a focalizar Francisca, acordando, assustada, no quarto onde mora com a mãe.

Sumariamente vestida, consulta o despertar, sobre uma mesinha, e deixa apressadamente o leito, no mesmo instante em que Rutinéia chega ao quarto e lhe diz:

RUTINÉIA: Acordou mais cedo hoje, minha filha. Assim você toma o café sem a correria de sempre.

Na trilha sonora ouve-se o sino de uma igreja dando as horas.

SOM: Relógio de igreja dando sete horas da manhã.

23. Câmera focaliza a igreja e, na trilha sonora, deixa ouvir as batidas de oito horas da manhã.

SOM: Sino de igreja dando oito horas da manhã.

INTERIOR – SETOR DE LAPIDAÇÃO DA MINERAÇÃO – MANHÃ

24. P.G. da sala de lapidação da empresa de mineração, favorecendo uma funcionária de nome Mercês, branca, mais idosa do que Francisca, trabalhando em sua mesa. Seus olhos, contudo, estão mais entretidos com o trabalho de Francisca e, principalmente, com o novo diretor, José Fernando, que chega à sua sala, puxa uma cadeira e vai sentar-se ao lado da lapidadora.

25. P.P. de Mercês, os olhos fixos em Francisca e o novo diretor. Sua fisionomia tem uma expressão de rancor, denunciando um antigo antagonismo com Francisca.

26. Enquadra-se agora, também em P.P., Francisca e o novo diretor, completa o movimento de sentar-se ao seu lado. Francisca interrompe o trabalho, ouvindo José Fernando dizer:

DIRETOR: Como está o trabalho hoje, Francisca?

FRANCISCA (meio encabulada): O de sempre, doutor...

José Fernando puxa a cadeira para mais perto da funcionária e, falando em tom de voz mais baixo, lhe diz:

DIRETOR: Você ainda insiste em me chamar de doutor, Francisca. Vamos deixar de cerimônia. Meu nome é José Fernando.

27. Campo e contra-campo de Francisca e José Fernando, inicialmente favorecendo o diretor, que diz, sorridente:

DIRETOR: Diz agora: qual é meu nome?

28. A objetiva deixa agora Francisca em P.P., com o diretor de perfil, olhando com grande interesse a funcionária que, também sorridente e de forma encantadora, replica:

FRANCISCA: José Fernando de Oliveira...

Diretor_ aproximando-se mais de Francisca, olhando para os lados diz :

DIRETOR: Ninguém pronuncia o meu nome tão docemente como você!

29. Ainda mantendo a técnica de campo e contra-campo, câmera focaliza agora em P.P. o novo diretor, deixando Francisca em ligeiro perfil.

DIRETOR: Vou substituir a chefia do setor. Você gostaria de ocupar o cargo?

30. Em nova angulação, deixando Francisca e o diretor em P.P. câmera deixa no quadro, ao fundo, em sua mesa de trabalho, a funcionária Mercês e, mais perto dos dois, a figura simpática de Glorinha, fingindo trabalhar, como a outra, atenta ao diálogo de Francisca com o diretor:

FRANCISCA: A Mercês chefia o setor faz muitos anos, Dire... quer dizer, José Fernando. É a funcionária mais antiga da empresa. Vai ser chato..., eu duma hora pra outra...

DIRETOR: A produção dela está baixa e falam muito bem da perícia com que você burila as pedras. O lugar é seu, não pode recusar.

FRANCISCA: Muito obrigada, José Fernando.

31. Em lento movimento de aproximação, câmera enquadra o diretor em P.P., completando, com evidente insinuação na voz:

DIRETOR: Nesse fim-de-semana vamos comemorar a sua promoção. Com um

passeio e um bom vinho francês. E pra completar, você conhece algum lugar nas redondezas onde a gente pode passar umas horas agradáveis?

FRANCISCA : Mendanha um lugar muito bonito!

Aproxima-se mais dela e, discretamente, aperta-lhe a mão completando:

DIRETOR: Combinado?

FRANCISCA:
Combinado.

SEQÜÊNCIA 5

32. Em corte direto, câmara focaliza, de outro veículo, Francisca e José Fernando no interior do carro do diretor, seguindo pela estrada que leva a Mendanha. O rádio está ligado, deixando ouvir música atual de sucesso.

33. Transferindo-se para o interior do carro, a objetiva enquadra Francisca e José Fernando aproximando-se de um restaurante de Mendanha. Estão próximos um do outro e, a certa altura, o diretor coloca a mão direita no ombro de Francisca e a puxa para mais perto, enquanto estaciona o veículo diante do restaurante. (Francisca lhe dá um beijo muito sensual, abusado). E ali a beija na boca, confessando:

DIRETOR: Você é deliciosa, Francisca! Gosto de você, talvez até demais! Mas isto é bom, pois amor "mais ou menos" esfria depressa. Pra mim o amor tem que ser quente! Que beijo Francisca! Mas ao mesmo tempo fico pensando quantos tantos outros você beijou.

FRANCISCA: Amor demais pode queimar, João!

DIRETOR: Quero morrer em brasa, Francisca!

FRANCISCA: Gosto de você desde a

primeira vez que pôs o pé na lapidação e me engoliu com os olhos.

34. Em novo enquadramento, favorecendo mais José Fernando, o novo diretor, com malícia na voz, replica

DIRETOR: Te engoli com os olhos, (dá-lhe um beijo abusado), te engulo com a boca, e quero que minha fome por você nunca morra.

35. Câmera, diante do restaurante, mostra Francisca e José Fernando deixando o carro, abraçados e rindo muito. Depois entram no restaurante.

ESCURECIMENTO

SEQÜÊNCIA 6

INTERIOR – SETOR DE LAPIDAÇÃO – TARDE

36 A 40. De volta ao setor de lapidação da empresa de mineração, câmera focaliza Francisca, agora instalada na chefia, trabalhando sempre com os diamantes.

No final do expediente, José Fernando aproxima-se da funcionária e lhe diz, abaixando o tom de voz:

DIRETOR: Me espere na esquina. Tenho uma surpresa pra você.

Em corte direto, câmera focaliza os dois amantes no carro do diretor, afastando-se da parte mais central da cidade.

Depois chegam a um recanto da cidade. E ali José Fernando estaciona o carro diante de uma casa, uma espécie de sítio, onde, à porta, Rutinéia os espera, dizendo:

RUTINÉIA: Este doido, minha filha, comprou esta casa pra você.

INTERIOR – NOVA CASA DE FRANCISCA – TARDE

41 a 46. Câmera documenta a surpresa e alegria de Francisca e Rutinéia percorrendo a casa, um pequeno sítio um pouco afastado do centro de Diamantina.

Francisca não sabe o que dizer, e só comenta, cada vez mais surpresa:

FRANCISCA: Que doidice, meu Deus!
Você é doido, José Fernando!

José Fernando olhando-a ternamente:

DIRETOR: É pouco, Francisca, muito pouco, você me deu muito mais, você está me devolvendo a vontade de viver que eu tinha perdido.

Os dois se abraçam, enquanto Rutinéia vai para o fundo da casa, dizendo excitadamente:

RUTINÉIA: Depois você vem ver o quintal, Francisca. Vou fazer uma horta e criar galinha...

Rutinéia se afasta, enquanto Francisca e José Fernando vão para o quarto dos fundos, todo mobiliado e com cortinas. E nele câmara destaca a cama de casal e, sobre ela, uma bela roupa de dormir e outros presentes do diretor.

Francisca estende-se no leito e faz um gesto malicioso para o amante, que a abraça e beija, fazendo menção de desnudá-la. Francisca, no entanto, o dissuade, dizendo:

FRANCISCA: Não, José Fernando, agora não... Mamãe chega de repente...
De noite, amor, com champagne francesa.

José Fernando, entretanto, pula da cama e vai fechar a porta do quarto, voltando em seguidas para os braços da amante.

FUSÃO

SEQÜÊNCIA 7

INTERIOR – QUARTO DE FRANCISCA – NOITE

47. Com o quarto na semi-obscuridade, câmara focaliza a cama sobre a qual Francisca está deitada, dormindo. Câmera avança lentamente, até fixá-la em P.P.P., voltando ao sonho como Chica da Silva, no século dezoito.

INTERIOR – CASA DE CHICA DA SILVA – NOITE

48. No sonho de Francisca, câmara focaliza o salão principal da casa onde residem Chica da Silva e o Contratador João Fernandes de Oliveira.

Câmera, em movimentos sucessivos de “travelling”, revela as altas personalidades que o Contratador e Chica recebem. Inclusive o Capitão-General, Conde Valadares, o comandante dos Pedestres da Extração, o Intendente dos Diamantes e outras autoridades da Capitania e do Arraial do Tijuco.

Conversam animadamente, mas silenciam e interrompem a conversa quando avistam Chica da Silva entrando triunfalmente no salão.

49. P.P. e Trav-Atrás, enfatizando-se a chegada de Chica da Silva ao salão onde é recebido, e festejado, o Governador da Capitania, Conde Valadares.

Recorremos à narrativa de Agripa de Vasconcelos em sua famosa biografia “Chica que Manda” (Editora Itatiaia Limitada):

“Chica entrou vagarosa e sorridentemente, segurando com a mão esquerda, em suprema elegância, comprido bastão de prata com largo castão de ouro cravejado de brilhantes do Tijuco. Estava infernal. Aparecia com vestido decotado de seda branca Macau, de imensa roda, e ostentava cabeleira loira encaracolada, vendo-se em seu pescoço de pêssego madura o flamante colar de rubis granates vermelho-violáceos de Ceilão. Na sua mão esquerda via-se a aliança de casada e o espalhafatoso anel de brilhante azul de Narcinga, de 19 quilates. Sua cintura, que dispensava justilho, parecia de uma adolescente. No peito, à esquerda, logo na borda do decote provocante, sorria a estrela branca de uma rosa mogarim”.

Quando a viu chegar, o Capitão-General levantou-se e foi recebê-la no meio do salão. Voltamos a Agripa Vasconcelos:

“Chica falava com todos, mas encobria na sua figura, um polimento, o insopitável orgulho de ser a mulher mais rica do Vice-Reinado. As senhoras presentes sentiram-se humilhadas com sua vista, tal riqueza da indumentária que trazia, verdadeiramente real”.

No sonho visualizado por Francisca, embrulhavam-se, como em caleidoscópio, sons e imagens desconexas das pessoas presentes na recepção ao Conde, formando figuras surgindo e desaparecendo, enquanto, na trilha sonora, ruídos e músicas distorcidas misturavam-se com risos, gargalhadas e vozes estridentes.

SEQÜÊNCIA 8

INTERIOR – CASA DE FRANCISCA – MANHÃ

50. O sonho de Francisca é, novamente, interrompido pela buzina de um carro. Ela ainda está estendida no leito, na nova casa onde mora com a mãe.

A porta do quarto se abre e Rutinéia se aproxima da filha, se espreguiçando na cama, e lhe diz:

RUTINÉIA: Não ouviu um carro buzinando?

FRANCISCA: Nem ouvi, mãe.

RUTINÉIA: Não ouviu ?... É o seu namorado, seu chefe, o diretor. Vamos, arrume depressa. Está te esperando.

Francisca, semi-nua, pula da cama e vai ao banheiro.

EXTERIOR – FRENTE DA CASA DE FRANCISCA – MANHÃ

51. Deixando no quadro o carro de José Fernando, câmara focaliza a frente à casa de Francisca e Rutinéia. Surge então Francisca com um belo vestido que lhe realça o corpo. Aproxima-se do carro e diz:

FRANCISCA: Uai, você aqui? Pensei que já estivesse na empresa...

DIRETOR: Empresa?... Hoje é domingo, Francisca! Vamos, vamos, entre, vamos dar um passeio.

Francisca abre a porta e se acomoda no carro, dizendo para a mãe, que surgira à porta.

FRANCISCA: Quer vir também, mamãe?

RUTINÉIA: Eu, minha filha? Não sou estraga prazer... Fico cuidando da horta. Vão e bom divertimento.

O carro arranca, com a música do aparelho de som ligado. Mais adiante, ao passar por um cruzamento de ruas, câmera focaliza, numa calçada, Mercês, a colega de Francisca no setor de lapidação da mineração. Com o carro em marcha lenta, Mercês avista Francisca e José Fernando abraçados no interior do carro que, numa esquina, se afasta.

SEQÜÊNCIA 9

EXTERIORES – IMEDIAÇÕES DE DIAMANTINA – DIA

51 a 60. Em diversas angulações, com planos próximos e afastados, câmera documenta o passeio de carro de José Fernando e Francisca, chegando e saindo de várias cidades e vilas próximas de Diamantina, como Gouveia, Guinda, Rio Manso, Alto do Cruzeiro, Biribiri, Cachoeira Cristal, etc.

Esta seqüência será ilustrada com belas paisagens das cidades próximas a Diamantina, colhidas em diferentes angulações e bela trilha musical.

Ao regressarem à casa, o diretor diz que iria para o hotel. Antes que Francisca deixe o carro, José Fernando apanha do bolso uma pequena caixa e entrega à amanhã, dizendo:

DIRETOR: Um presente para você, Francisca. Mas só abra em casa.

Francisca apanha e guarda o presente, beija o diretor, deixa o carro e vai para casa, enquanto José Fernando se afasta.

INTERIOR – CASA DE FRANCISCA – TARDE

61. Na sala da nova residência, Francisca encontra a mãe que vê televisão e lhe fala, mostrando a caixinha com o presente:

FRANCISCA: Foi um passeio bonito, mamãe. Olha só, José Fernando me deu esta caixinha com um presente.

Abre a caixinha e vê, com surpresa, uma bela jóia com diamante. Rutinéia, no entanto, não demonstra a mesma surpresa e alegria da filha. Aproxima-se dela e comenta:

RUTINÉIA: Não estou gostando nada disso, Francisca. Ele é casado. Tenho receio,

Francisca, de fofocas e comentários que circulam pela cidade sobre vocês dois...

62. P.P. de Francisca, aproximando-se da mãe e dizendo:

FRANCISCA: Hoje, no passeio, indaguei da mulher dele. Me respondeu que não vive bem com ela, e que a mulher dele sou eu!!! (abrindo um sorriso). Falou até em divórcio, mãe.

Rutinéia se afasta um pouco, vai à janela e diz à filha:

RUTINÉIA: Isto não pode acabar bem, minha filha. Eu acho que ele está querendo aproveitar de você, olha os presentes que ele te dá. Uma casa, roupas, jóias. Sei não, Francisca. Acho que vocês estão indo longe demais. Tá indo tudo tão depressa. Vocês se conhecem faz tão pouco tempo!

Francisca se aproxima da mãe, abraça-a, beija-a e lhe diz, amorosamente:

FRANCISCA: A vida é curta, mamãe. Não ligo pras fofoca dos outros. O José Fernando é maior de idade, sabe o que faz, ele é sério. E a senhora não acha que ele não está sofrendo também? Ele me conta tudo!

Rutinéia olha fixamente para a filha e acrescenta, preocupadamente:

RUTINÉIA: Você acha que ele se casa com você se separar da mulher?

FRANCISCA: Não penso nisso, mamãe. Gosto é de estar com o José Fernando, casada ou não casada. A vida é curta, mamãe, e não é o casamento que faz a gente feliz. As coisa mudaram mamãe. Antigamente a mulher só era feliz com o casamento.

RUTINÉIA: Eu fui feliz com seu pai, muito feliz. Tome cuidado, minha filha.

Rutinéia aproxima-se mais de sua filha olhando-a fixamente, advertindo-a:

RUTINÉIA: Cuidado minha filha, amante e diamante só dá rima.

FRANCISCA: Vamos comer alguma coisa, mamãe. Estou com fome.

Abraçadas, mãe e filha vão para a cozinha.

ESCURECIMENTO

SEQÜÊNCIA 10

63. P.G. do setor de lapidação da empresa de mineração. Francisca, com a mesa agora colocada em lugar de destaque, continua o difícil trabalho de preparar os diamantes, depois enviados à sede, em Belo Horizonte. No intervalo de almoço, Glorinha se aproxima da amiga, perguntando:

GLORINHA: Vai almoçar com o chefão?

FRANCISCA: Chefão? Pare com isso, Glorinha! Ele é o diretor e seu nome é José Fernando.

64. Glorinha puxa uma cadeira e senta-se junto à amiga. As duas, enquadradas em P.A. conversam em tom de voz mais baixo:

GLORINHA: Vamos naquele *a quilo*? Preciso dizer umas coisas a você, Francisca.

FRANCISCA: Já sei qual é o assunto, Glorinha. Vou ficar por aqui mesmo. Estou sem fome.

Câmera, em "travelling", avança um pouco e enquadra as duas amigas em P.P. Glorinha, abaixando mais o tom de voz, fala à amiga:

GLORINHA: Somos velhas amigas, Francisca...

FRANCISCA: Épa! Velhas não, Glorinha!

GLORINHA: Novas amigas então?

FRANCISCA: Nem “velhas” nem “novas”. Grandes amigas, Glorinha. “ “Quis coisa” você quer me dizer?

65. Em nova angulação, câmera amplia o enquadramento e deixa ver Mercês que, vindo ao fundo da sala, se aproxima das duas, só dizendo:

MERCÊS: Oi, tudo bem!

FRANCISCA: Tudo bem, Mercês.

66. Mercês se afasta, enquanto Francisca e Glorinha continuam a conversar, enquadradas novamente em P.P.

FRANCISCA: Já sei que é sobre essa fofoqueira que você quer falar, Glorinha.

GLORINHA: Sobre ela sim, Francisca. Ela viu você e o diretor abraçados no carro dele. Você sabe como ela é despeitada. É preciso cuidado, Francisca. Ela é perigosa!

FRANCISCA: De fofoqueira e gente perigosa o mundo tá cheio. Não devo nada a ninguém. Minto, devo muito ao José Fernando, que eu retribuo com amor.

Sorridente, Francisca completa:

FRANCISCA: Acho que ele também se sente muito bem recompensado. Vai almoçar, Glorinha. Quero terminar o trabalho.

Brasil tem gente ambiciosa e esperta demais,
minha filha.

EXTERIOR – DIAMANTINA E CIDADES VIZINHAS – DIA

71 a 80. Evitando-se a monotonia da narrativa ao vivo de Rutinéia, câmara, em “flashes” de diferentes angulações, descreve o assédio de compradores ao garimpeiro, sempre recusando as ofertas, esperando a melhor proposta. Enquanto isso, Rutinéia continua a narrar a odisséia de Raimundo, agora visto em diferentes locais próximos a Diamantina:

RUTINÉIA (voz off): O coitado não teve mais sossego. Vinha comprador de todo lago, a maioria oferecendo uma miséria, que ele recusava, é claro. Um deles, muito jovem, veio duas vezes em casa, insistindo cada vez mais, oferecendo um preço que o Raimundo recusou. Eu não gostei da cara do sujeito. Ele chegava aqui em casa, olhando tudo, os canto todo, perguntado muito, eu não gostei. Eu falei com o Raimundo: “Cuidado com esse homem”. Se ele tivesse me escutado...”

EXTERIOR – RECANTO DE DIAMANTINA – NOITE

81. Sempre com a narrativa em off de Rutinéia, câmara volta a focalizar, ao vivo, o trágico desfecho da história de Raimundo, mostrando o rapaz perseguindo de noite o Raimundo que, meio embriagado, voltava para casa. Num ponto escuro da cidade aproximou-se dele e o esfaqueou. Raimundo amparou-se num poste e, muito ferido, caiu.

82. Câmara detalha a queda de Raimundo, sangrando muito, e favorece o gesto inútil de proteger o diamante na mão. Morreu logo depois. O assassino abre com dificuldade a mão do infeliz, apanha o diamante e se afasta.

INTERIOR – CASA DE FRANCISCA – NOITE

83. De volta à casa de Francisca e, em seu quarto, câmara mostra mãe e filha, enquadradas em P.P., em silêncio por alguns instantes. Emocionada, Francisca então pergunta:

FRANCISCA: E a polícia, mamãe. Não fez nada, não prendeu o assassino?

RUTINÉIA: Nada, minha filha. Ele desapareceu, minha filha. Em pouco tempo ninguém falou mais no assunto.

Câmera, recuando em “travelling”, abre o quadro para P.M., mostrando Francisca que, pronta para dormir, estende-se na cama, enquanto Rutinéia vai para o interior da casa.

Novamente Francisca sonha e volta ao século 18, como Chica da Silva.

SEQÜÊNCIA 12

INTERIOR E EXTERIOR – CASA DE CHICA DA SILVA – NOITE

84. Câmera, instalada na varanda da casa de Chica e do Contratador, enquadra em P.M. o casal e o Governador-Geral, Conde de Valadares, bebendo vinho e ouvindo um grupo de seresteiros, com violões, flauta, clarineta e violino, homenageando o Conde, recostado num sofá, emocionado, quase chorando ao ouvir a música nostálgica que um seresteiro cantava:

“Serena estrela que no céu da tarde
brilhas sozinha, antes que a noite desça
lembras-me a ingrata que, em país distante,
por outro amor talvez me esqueça...”

85. P.P. do Governador-Geral, emocionado, nostálgico, já levemente embriagado com o vinho do Porto que vai bebendo.

Em off, continua a ouvir-se a cantiga do seresteiro:

“Foi meu castigo achar-se em meu caminho,
Pois deste as mãos ao pálido viajor
Desde então fiz-me escravo, fui vencido
De teus olhos ao pérfido esplendor.

Mas partiste sorrindo e não voltaste
O que ficou sofrendo, e que ficou
Foi esta alma infeliz que não te esquece,
É o farrapo esquecido que hoje sou...”

86. Em novo enquadramento, câmera vai para P.G. mostrando, no jardim da casa, a chegada de um pelotão de Pedestres da Extração, trazendo amarrado em um cavalo, ensopado de sangue, o Argemiro, um dos garimpeiros mais perseguidos pela Intendência.

O Governador, assustando-se com a aparição dos soldados e seu prisioneiro, pergunta ao Contratador:

CONDE DE VALADARES: O que é isto, senhor Contratador?

CONTRATADOR: Os pedestres da Intendência, Senhor Conde, prenderam um dos piores garimpeiros e contrabandistas do Tijuco, Excelência. Ladrão, facínora, chefe de um bando de faiscadores ilegais.

Logo a seguir o Contratador chama o sargento Elias, chefe da patrulha, apresenta-o ao Governador, orgulhoso da proeza. E pergunta ao militar:

CONTRATADOR: Confessou o local da lavra, Sargento?

SARGENTO: Nada, senhor Contratador. Afirmou aos berros que os diamantes são de Deus, e não de Portugal, que não cometeu crime algum e outras besteiras iguais.

CONTRATADOR: Leve o ladrão para a masmorra e dê uma surra de chicote nele até ele aprender que tudo aqui no Tejuco é de Portugal!

A tropa se afasta, dando chutes e chibatadas no infeliz, enquanto o Governador diz a Chica da Silva:

CONDE DE VALADARES: Além de furtar as pedras da Coroa, o sacripanta pisou nas flores de seu jardim, dona Francisca. Merece boa punição!

86. Chica, bajulatória, chega mais perto do Governador e, sorridente, lhe diz:

CHICA DA SILVA: Não tem importância, Excelência. Flor é fácil de plantar. Difícil mesmo é arrancar do bolso desse bandidos os diamantes que eles escondem.

O Governador dá boas gargalhadas, e comenta:

CONDE DE VALADARES: Aliás, há tanto no Tijuco que chego a pensar que é plantado...

INTERIOR – MASMORRA – NOITE

87. Transferindo-se para o interior da infecta masmorra da Intendência, Câmera focaliza o garimpeiro preso recebendo tremendas chicotadas.

SOM: Em lugar das gargalhadas do Capitão-General, sobem agora na trilha sonora o ruído das violentas chicotadas e os gritos do garimpeiro preso.

EXTERIOR – RUA DA CASA DE FRANCISCA - MANHÃ

88. Misturando-se aos gritos do garimpeiro, sobre, forte, em primeiro plano, o grito de um boiadeiro, tangendo os dois bois que puxam a carroça um sitiante das vizinhanças da casa de Francisca e Rutinéia.

Francisca acorda, assustada, observa o relógio e pula da cama; corre à cozinha e bebe apressadamente café-com-leite e um pedaço de pão, dizendo à mãe:

FRANCISCA: Estou em cima da hora, mamãe.

E sai a caminho da mineradora.

FUSÃO

SEQÜÊNCIA 13

EXTERIOR – CENTRO DE BELO HORIZONTE - DIA

Acentuado deliberadamente o grande contraste urbano entre Diamantina e Belo Horizonte, câmera focaliza um funcionário dos Correios aproximando-se de um belo e moderno edifício na capital mineira.

INTERIOR – GALERIA DE EDIFÍCIO – JOALHEIRIA – DIA

89. O funcionário dos Correios caminha na galeria do edifício e, mais diante, penetra numa luxuosa joalheria e ali retira da bolsa um envelope entregando-o pessoalmente a uma senhora, vestida elegantemente, dizendo:

FUNCIONÁRIO DOS CORREIOS: Bom dia, dona Alice. Carta para a senhora, de Diamantina.

ALICE: Obrigada, “seu” Luiz.

O funcionário se afasta, enquanto câmera focaliza Alice que, num canto da joalheria, abre o envelope e o lê com grande interesse.

90. Em novo enquadramento, câmera focaliza um senhor idoso que, chegando de uma sala no interior da joalheria, recebe uma senhora, também idosa, interessada na compra de uma jóia.

91. Através de lento TRAV.-AVANTE, câmera enquadra o senhor idoso, dono certamente da joalheria e, apesar do envelhecimento e outros detalhes, como barba e bigode, identifica-o como assassino de Raimundo, marido de Rutinéia, de quem, anos atrás, furtara o diamante.

Alice, que acabara de ler a carta, espera a saída da cliente, aproxima-se do senhor idoso e lhe diz, visivelmente contrariada:

ALICE: Papai, vou ter de ir a Diamantina...

PAI DE ALICE: O que aconteceu, minha filha?

ALICE: Depois te explico. Vou atender uma cliente.

PAI DE ALICE: Vou com você, Alice. A viagem vai me fazer bem.

Alice retira a carta da bolsa e a entrega ao pai, dizendo:

ALICE: Leia esta carta no seu escritório.

EXTERIOR – ESTRADA PARA DIAMANTINA – TARDE

92. Câmera focaliza o carro de Alice e seu pai, Altamir, seguindo pela rodovia que leva a Curvelo e, através da Serra do Espinhaço, a Diamantina.

ALTAMIR: Eu nunca confiei muito em carta anônima, minha filha. Pode ser calúnia, ou fofoca.

ALICE: A carta parece verdadeira, papai. E o senhor sabe que o José Fernando perdeu minha confiança. Nosso casamento acabou, papai. Só falta o divórcio.

EXTERIOR – SERRA DO ESPINHAÇO – TARDE

- 93 a 97. O carro de Alice sobre agora a belíssima Serra do Espinhaço. Câmera documenta a subida, com algumas “tomadas” fixando alguns dos mais belos recantos da serra. Até que, já de noite, aproxima-se de Diamantina.

SOM: Música incidental valoriza a bela paisagem da serra.

Já próximos de Diamantina, Alice pergunta ao pai:

ALICE: Onde vamos ficar em Diamantina, papai?

ALTAMIR: Em nossa casa, é claro.

SEQÜÊNCIA 14

INTERIOR – CASA DE FRANCISCA – NOITE

98. P.M. e depois P.P.P. por Trav. Avante: Câmera, de volta ao quarto de Francisca em Diamantina, aproxima-se lentamente até, através de efeito especial, penetrar-lhe nos olhos. E ela volta ao século 18, reencarnada na figura mitológica de Chica da Silva.

SOM: Música incidental cria atmosfera especial de sonho.

INTERIOR – CASA DE CHICA DA SILVA – NOITE

99. Chica, João Fernando e o Conde de Valadares estão terminando de jantar. Jantar regado a vinho do Porto, naturalmente.

100. Câmera detalha o jantar e destaca o semblante tenso e preocupado de Chica, principalmente quando o Governador fala ao Contratador:

CONDE DE VALADARES: Gostaria de conversar em particular com o prezado Contratador.

CONTRATADOR: Vamos ao meu escritório, Senhor Conde, acompanhado do vinho do Porto, é claro!

Levantam-se e, antes de deixar a sala de refeições, o governador dirige-se a Chica:

CONDE DE VALADARES: Com licença, prezada Dona Francisca.

E se afastam, indo para o outro cômodo da casa.

Chica, cada vez mais desconfiada com o teor da conversa, contorna a varanda e se aproxima da porta do escritório, no qual João Fernandes e o Governador iniciam a conversa sigilosa, descrita com maestria por Agripa de Vasconcelos, que reproduzimos.

INTERIOR – ESCRITÓRIO DO CONTRATADOR – NOITE

101 a 105. O diálogo do Contratador com o Governador da Capitania será documentado através de várias “tomadas”. Por sua importância histórica, vamos reproduzi-los nas narrativa de Agripa de Vasconcelos:

CONTRATADOR: “ O chefe parece preocupado, Senhor Conde.

CONDE DE VALADARES: “ Vou lhe dizer, muito em segredo, porque estou desolado. No último correio tive má notícia de negócios de minha família, em Portugal. Minha família é de poucos recursos e nossas propriedades estão hipotecadas por quinhentos mil cruzados”

INTERIOR – PORTA DO ESCRITÓRIO – NOITE

106. Focaliza-se agora Chica da Silva em P.P., recostada na porta do escritório, ouvindo a conversa do Contratador e do Governador, agora em off:

CONDE DE VALADARES (voz em off):
“Vão ser vendidas em praça, em leilão, pois não podemos resgatar a hipoteca, prestes a se vencer. É esta a razão de minha tristeza.

Chica, compreendendo a intenção, ou melhor dizendo, a chantagem do Governador, murmura, para si mesma, raivosa:

CHICA DA SILVA (em murmúrio): Já vi tudo! O sem-vergonha vai dá o golpe!...

E, de fato, o Governador, em voz off, continua a chantagem:

CONDE DE VALADARES (voz off):
Minha família, de brasões de quatro avós de linhagem pura, não vai suportar a vergonha de ver em leilão, no bater do martelo, propriedades que vieram...

INTERIOR – ESCRITÓRIO DO CONTRATADOR – NOITE

106 a 110. De volta ao escritório do Contratador, câmera focaliza os dois interlocutores em P.P. e enquadramentos sucessivos. O conde completa a frase ouvida, em off, por Chica da Silva:

CONDE DE VALADARES: ... de descendentes de nobreza honrada, sem que nenhum de seus membros tenha recursos para evitar a ruína de tudo”.

“O contratador pediu licença e retirou-se, abalado com aquele modo de pedir dinheiro. Passou por Chica, atônita, e comentou em voz baixa:

CONTRATADOR: Pediu quinhentos mil cruzados!

CHICA DA SILVA: E o que vai fazer?

CONTRATADOR: Vou buscar a dinheirama, não tem outro jeito.

111. João Fernandes vai à sala do cofre, deixando Chica na sala. Pouco depois volta com o pacote de dinheiro, leva-o ao escritório e diz ao Conde, refastelado no sofá:

CONTRATADOR: “Governador, aqui estão os quinhentos mil cruzados de que precisa para levantar as hipotecas.

112. Chica, que voltara a ouvir a conversa no escritório, ouve então a resposta hipócrita do Governador:

CONDE DE VALADARES (voz off): Oh, não, as mãos de um Conde de Portugal nunca se mancharão recebendo dinheiro de um vassalo de El-Rei!

INTERIOR – ESCRITORIO DO CONTRATADOR – NOITE

113. De volta ao escritório, câmera focaliza o Governador em P.P., dizendo com hipócrita e falsa indignação:

CONDE DE VALADARES: Prefiro cair com honra a baquear ferido da minha susceptibilidade de homem de bem!

Câmera recua, abrindo o quadro até P.M., enquanto o Contratador responde, também hipocritamente:

CONTRATADOR: Nada disso, Excelência; isso nada mais é que um presente de um amigo a outro amigo. Faço questão! Não o aceitando, o Conde fere-me!

CONDE DE VALADARES: Pois bem, vou aceitá-lo, não como dádiva, mas como empréstimo que resgatarei breve. Torno a repetir: recebo como empréstimo!

EXTERIOR – PORTA DO ESCRITÓRIO – NOITE

114. Do outro lado da porta, Chica da Silva comenta, para si mesmo, rancorosa:

CHICA DA SILVA: Que chantagem miserável, meu Deus! Esse sujeito está tramando alguma armadilha. Ele jogou a isca e o João está comendo!

INTERIOR – ESCRITÓRIO DO CONTRATADOR – NOITE

115. De volta ao escritório, a objetiva focaliza em P.P o Governador e o Contratador. O Conde então se levanta e aperta o Contratador num abraço de enorme hipocrisia, dizendo:

CONDE DE VALADARES: Eu o abraço, Contratador, como se abraça um irmão!

INTERIOR – SALÃO – NOITE

116. Ouvindo passos, Chica da Silva volta depressa ao salão. E lá bebe várias taças de champagne. Depois, meio bêbeda, vai dormir.

FUSÃO

SEQÜÊNCIA 15

INTERIOR – EMPRESA DE MINERAÇÃO – DIA

117. A nova seqüência será filmada no interior da empresa de mineração, inicialmente no escritório de José Fernando, mostrando o diretor e Altamir, pai de Alice, conversando sobre negócios. Conversa tensa escondendo queixas e recriminações.

A certa altura, José Fernando pergunta:

DIRETOR: E Alice, ficou em casa?

ALTAMIR: Está no setor de lapidação.

118. Em corte direto, focaliza-se a mulher de José Fernando, que, percorrendo a empresa, aproxima-se do setor de lapidação, aparentemente despreocupada.

Vendo-a na oficina, Francisca tem um sobressalto que a faz empalidecer, principalmente quando a vê aproximar-se, perguntando:

ALICE: Você é a Francisca?

Francisca levanta-se e responde:

FRANCISCA: Sim senhora...

ALICE: Sou Alice, mulher do José Fernando.

Observa a mesa com o equipamento de lapidação e comenta:

ALICE: Estou vendo que seu trabalho exige grande habilidade e concentração, não é mesmo?

FRANCISCA: Sim, dona Alice, muita concentração.

119. Em lento “travelling”, câmera aproxima-se das duas interlocutores, enfatizando o olhar irônico e maldoso de Alice, que prossegue:

ALICE: Qualquer descuido o diamante pode partir, não é verdade?

FRANCISCA: Sim, dona Alice.

Alice puxa uma cadeira e se aproxima de Francisca, falando-lha agora em tom de voz sussurrado, fingidamente cordial, no qual se percebem rancor e ressentimento:

ALICE: E você possui esses cuidados?

FRANCISCA: Acho que sim...

120. Câmera avança lentamente, até fixar Alice em P.P.P., dizendo com grande mordacidade:

ALICE: E por quê não teve esses cuidados ao lidar e seduzir meu marido?!...

FRANCISCA: Seduzir seu marido, não, dona Alice. Não é melhor perguntar quem seduziu quem primeiro?

ALICE: Se então você não o seduziu, você o desgraçou, vagabunda!

FRANCISCA: Quando eu conheci ele, dona Alice, ele já estava desgraçado!

INTERIOR – GABINETE DO DIRETOR – DIA

121. No gabinete do diretor, José Fernando, câmera documenta o tom agressivo do diálogo com Altamir, o proprietário da mineradora, que lhe fala, a certa altura:

ALTAMIR: Alice recebeu uma carta narrando as irregularidades que você está cometendo na empresa.

DIRETOR: Irregularidades, senhor Altamir? Que tipo de irregularidade?

Altamir, sentado diante do genro, levanta-se, caminha alguns passos pela sala e, de pé, com voz ríspida, responde:

ALTAMIR: Irregularidades de toda natureza Sr. José Fernando: Irregularidades morais, conjugais, financeiras, conhecidas por Alice, que também sabe de suas relações escandalosas com uma funcionária da empresa.

Dá mais alguns passos pelo escritório, aproxima-se do genro e, nervosamente, prossegue:

ALTAMIR: Sabe também da história de um sitio, de jóias e presentes que você lhe dá. Isto nem ela, nem eu, admitimos. Isto é furto, desonestidade! É caso de polícia!

DIRETOR: O senhor está me ofendendo, senhor Altamir. Isto é calúnia, não admito!

Altamir aproxima-se da mesa e, com raivosa advertência acrescenta:

ALTAMIR: E mais, sr. José Fernando: mandei fazer auditoria e sua demissão da empresa é inevitável.

José Fernando levanta-se, ergue a voz e replica, indignado:

DIRETOR: Conheço bem a origem desta empresa, senhor Altamir! Mande fazer auditoria, o que quiser! Muita coisa vai aparecer!

122. Em nova angulação, câmera documenta a discussão cada vez mais agressiva dos dois. Altamir dá volta à mesa e, aproximando-se agressivamente do genro, retruca extremamente nervoso:

ALTAMIR: O que você quer dizer com isto?!

DIRETOR: O que você quer dizer? Não se faça de inocente, Sr. Altamir. Conheço a

história desta empresa, de suas viagens a Governador Valadares, a Teófilo Otonni, aos Estados Unidos. Quer fazer auditoria, pois faça! Muita coisa estranha vai aparecer” Faça a auditoria, que eu faço a minha!

José Fernando, interrompendo a áspera discussão, apanha uma pasta na mesa e deixa a sala. Altamir logo depois faz o mesmo, remoendo ódio e vingança.

INTERIOR – SALA DA LAPIDAÇÃO – DIA

122. Chegando à sala da lapidação, José Fernando aproxima-se de Francisca a tempo de ouvir o final da áspera discussão de Alice com a funcionária:

ALICE: Você está despedida! E vai devolver o sítio e a jóias que o José Fernando lhe deu!

Altamir também chega à sala, aproxima-se da filha e lhe fala:

ALTAMIR: Vamos embora, minha filha.

Pai e filha se dirigem ao carro, enquanto José Fernando aproxima-se de Francisca, muito nervosa, e lhe diz em tom de voz confidencial:

DIRETOR: Venha comigo ao escritório.

Câmera enquadra Altamir e Alice no carro, conversando, ambos visivelmente nervosos:

ALTAMIR: Esse seu marido está me roubando, Alice. Eu já desconfiava disso!

ALICE: Ex-marido, papai. O senhor acha que eu ainda posso viver com o José Fernando?!

ALTAMIR: Você tem que apressar este divórcio antes que eu faça uma besteira, uma grossa besteira, minha filha!

ALICE: Calma, papai, (olhando pra fora do carro com os olhos úmidos de mulher apaixonada) – Quem sabe ele se arrepende de tudo que está fazendo?

SEQÜÊNCIA 16

EXTERIOR – CASA DE FRANCISCA – DIA

123. Focaliza-se Rutinéia cuidando da horta no pequeno sítio onde mora com Francisca. Ouvindo a buzina de um carro, deixa o que faz e vai à varanda, onde avista Altamir e Alice, deixando o carro e se aproximando da casa.

124. Câmera, em posição estratégica, documenta o inesperado encontro de Rutinéia com Altamir e Alice, deixando os recém-chegados no quadro e dando destaque à grande surpresa que se apodera da mãe de Francisca, cujos olhos fixam-se fortemente em Altamir.
Durante alguns segundos ninguém fala.

125. Em novo enquadramento, câmera focaliza Altamir em P.P., cujos olhos refletem grande espanto ao avistar Rutinéia, que então lhe diz:

RUTINÉIA: O senhor... O senhor esteve em minha casa muito tempo atrás...

ALTAMIR: Em sua..casa? Onde? De quê que a Sra. está falando?

126. P.P. de Rutinéia, o olhar refletindo espanto e certeza, quando responde:

RUTINÉIA: Aqui mesmo... Em Diamantina... Queria comprar o diamante que meu marido, o Raimundo, achou num gorgulho bravo...

127. Deixando Rutinéia no quadro, ligeiramente de costas, a objetiva focaliza Altamir em P.P. muito confuso, só dizendo:

ALTAMIR: Não me lembro...

128. Em novo enquadramento, agora destacando Rutinéia, a objetiva destaca o estranho diálogo entre Altamir e Rutinéia, que volta a dizer:

RUTINÉIA: O senhor era muito moço...
Acho que também garimpou...

ALTAMIR: Não, não... nunca garimpei... A
senhora está fazendo confusão...

129. P.P.P. de Rutinéia, os olhos fincados no Altamir, repetindo com grande convicção:

RUTINÉIA: Estou não! Era o senhor
mesmo, mais jovem. Insistiu muito! Quis
comprar o diamante do Raimundo.

130. P.M do grupo, destacando Alice que se aproxima do pai e lhe pede:

ALICE: Vamos embora, papai.

131. Alice e Altamir voltaram ao carro e, sem se despedir, dão partida e se afastam, cruzando, mais adiante com o carro conduzido por José Fernando, com Francisca ao lado. No banco de traz está sentado um garimpeiro muito idoso e conhecido na cidade.

132. Enquadra-se o carro de José Fernando, aproximando-se e estacionando diante da casa de Francisca e Rutinéia.

Descem, entram na casa, recebidos por Rutinéia, ainda parada na varanda, pensativa. Vendo o garimpeiro, exclama, com surpresa:

RUTINÉIA: Uai, o Zezé? Gente, quanto
tempo, Zezé! Venha, venha, vamos tomar
um cafezinho!

INTERIOR – CASA DE FRANCISCA - TARDE

133. Na cozinha, de fogão a lenha, Rutinéia, Francisca, José Fernando e o garimpeiro Zezé tomam um café, sentados na velha mesa.

Câmera destaca o velho garimpeiro Zezé, que fala, em meio ao silêncio e à grande atenção de Rutinéia:

GARIMPEIRO ZEZE: Tenho certeza, Rutinéia. É ele, tal e qual. Esse Altamir é aquele Samuel, comprador de diamantes.

134. Em nova angulação, a objetiva aproxima-se lentamente de Rutinéia e, através de panorâmica, enquadra Francisca, José Fernando e o Zezé em P.P., continuando a narrativa, com forte convicção:

GARIMPEIRO ZEZE: Eu estava no botequim e vi o Raimundo bebendo noutra mesa e, perto dele, o Samuel, olhando muito pra ele. Assim que o Raimundo saiu, lá pelas dez da noite, o Samuel saiu também. Depois matou seu marido, Rutinéia.

RUTINÉIA: Matou o coitado, roubou o diamante, fugiu e mudou de nome! Ficou rico e agora é dono de joalheria e da mineradora, ladrão e filho da puta!

135. P.M e depois P.P. por Trav. Avante e panorâmica.

Câmera enquadra o grupo em curto silêncio. Depois inicia lento “travelling” e vai enquadrar José Fernando em P.P., quando diz:

DIRETOR: (José Fernando): Vou à Polícia denunciar o miserável!

Câmera aproxima-se de Francisca e a enquadra também em P.P., quando diz:

FRANCISCA: Que ingenuidade, José Fernando. Não vão fazer nada, principalmente agora, com o Altamir rico e poderoso! E tem mais – não fica dando sopa por aí nos cantos não. O Altamir é capaz de qualquer coisa!

136. P.P. de Rutinéia, interrompendo:

RUTINÉIA: Altamir coisa nenhuma Francisca. Samuel, assassino, filho da puta!

JOSÉ FRANCISCO: A Sra. corre risco, Dona Rutinéia. Ainda mais que reconheceu ele. Até você corre risco, Francisca!

ESCURECIMENTO

SEQÜÊNCIA 17

INTERIOR – QUARTO DE FRANCISCA – NOITE

137. Sempre com a utilização de efeitos especiais, enquadra-se novamente Francisca dormindo. E, como de outras vezes, sonhando e se transportando para a Diamantina, ou o Arraial do Tijuco, do século 18, vivendo de novo Chica da Silva.

É um sonho angustiante, que a leva à casa luxuosa onde reside com o Contratador João Fernandes de Oliveira.

A nela, em P.G. e, em seguida, em primeiros-planos, através de “travelling”, câmera focaliza, em torno de uma grande mesa, o Gorvenador-Geral, o Contratador, o Intendente dos Diamantes, Capitão Morais Cabral, comandante dos Dragões Imperiais e, por último, o Tenente Pingo, comandante interino das Ordenanças do Rei.

Chica da Silva está sentada numa poltrona, perto da janela que se abre para o jardim. Muito nervosa, fixada em P.P., está atenta ao que se passa na reunião, cuja solenidade lhe parece hostil e ameaçadora ao Contratador.

Novamente recorremos a Agriva Vasconcelos para o relato dramático da reunião, revista por Francisca no sonho extremamente agitado que tem, quando fica traçado o destino de João Fernandes de Oliveira.

“O Conde tinha em mãos um grande envelope branco, onde se viam o sinete imperial e o selo de pureza. Beijou o invólucro, reabrindo-o porque já lera o ofício. Depois olhou fixamente João Fernandes e lhe disse, com a empáfia dos poderosos:

CONDE DE VALADARES: “Caro Contratador, acabo de receber notícias não muito boas com referência a Vosmecê.”

Olhos fixos no Conde, o Contratador, muito tenso, esperava.

CONDE DE VALADARES: El-Rei, Nosso Senhor Dom José I, que Deus guarde, pede sua presença com brevidade em Lisboa.”

Um choque tremendo emudeceu o Contratador. A fisionomia do Capitão-Geral era grave, ao continuar:

CONDE DE VALADARES: “El-Rei manda e ordena que Sua Senhoria parta do Tijuco, no prazo improrrogável de três dias!”

O intimidado reagiu, apurando-se:

CONTRATADOR: “Em três dias é impossível, Excelência. Tenho compromissos, família, sou Contratador e, se deixar o Contrato sem assistente de minha confiança, El-Rei e eu teremos imenso prejuízo. Não tarda a época das lavagens do cascalho, e o prazo que recebo é curto demais!”

O Governador, enquadrado em P.P. demonstra visível irritação, ao responder:

CONDE DE VALADARES: Quer dizer que não obedece à Ordem Real?!

138. Pálido, temendo o poderio do Governador, João Fernandes, enquadrado em P.P.P., argumenta temerosamente:

CONTRATADOR: “Não desobedeço, Excelência. Preciso é prazo mais dilatado para seguir, deixando meus negócios em ordem.

139. P.P.P. do Conde e Governador, irretorquível:

CONDE DE VALADARES: “Isto é impossível, Senhor Contratador. Não cumprindo a Ordem de El-Rei de enviá-lo na data marcada, eu posso ser desterrado do Paço Imperial, o que seria infâmia demais para gente de meu sangue!”

140. P.M. da sala, favorecendo João Fernandes e o Conde, que permanece de pé, com o ofício aberto na mão, dizendo energeticamente:

CONDE DE VALADARES: “Sua senhoria, se desrespeitar uma Ordem direta do Rei, comete crime de lesa-majestade, que é crime de cabeça, com seqüestro de bens e infâmia para sua geração!”

João Fernandes então cede, respondendo com voz quase suplicante:

CONTRATADOR: “Estou às ordens de Vossa Excelência para seguir dentro do tempo determinado. Viva El-Rei!”

Estava vencido e, pálido, volta a sentar-se ao lado de Chica da Silva que, repentinamente, chorando e desesperada, vai correndo ao quarto, sabendo que João Fernandes estava praticamente preso.

INTERIOR – QUARTO DE CHICA DA SILVA – NOITE

141. No quarto, chorando convulsivamente, joga-se na cama e esmurra o travesseiro com fúria, grunhindo com ódio:

CHICA DA SILVA: Porco imundo, filho da puta! Governador de uma figa. Se ao menos ele desse um prazo maior, eu convencia o João a se embrenhar nas terras da província e desaparecer.

Chica da Silva deita na cama e começa a inquietar-se com o seu futuro. Com a partida do amado aguarda-lhe um futuro sombrio. Vê-se privada da pompa de muitos asnos, de jóias e de ter todos os bens confiscados. A sua cabeça começa a ser povoada por pesadelos. Sua imaginação leva-a à sua vida antiga de escrava. Vislumbra-se esfregando chão, lavando roupa no rio, humilhada por seu irmãos negros e espezinhada pelas damas da sociedade, as mesmas que se sentiam inferiorizadas diante da então poderosa dama.

Dá um pulo da cama, recompõe-se e decide, aproveitando de um descuido de João Fernandes, dirigir-se à Intendência onde se encontra hospedado o Governador, com o intuito de, numa última tentativa, tentar prolongar a permanência do amado por mais tempo em terras brasileiras.

Chica da Silva esgueira-se nas ruas escuras de Tejuco e, sem ser notada pelo guarda, entra na Intendência.

CONDE VALADARES: Chica da Silva, que surpresa agradável! Champanhe francesa, minha bela dama?

CHICA DA SILVA: Pra celebrar o quê, conde, minha tristeza? Vossa Excelência, num gesto de gratidão, poderia ter mais condescendência e...

CONDE VALADARES: o quê, Chica da Silva, o que você está insinuando?

CHICA DA SILVA: Vossa Excelência vai relaxar a partida do João Fernandes por mais dias!

CONDE VALADARES: Insolente, como uma escrava metida a branca ousa dar ordens a um governador!

CHICA DA SILVA: Vinte dias para que ele coloque a sua vida em dia!

CONDE DE VALADARES: Três dias e nenhum minuto mais!

CHICA DA SILVA: Dez dias, senão...

CONDE DE VALADARES: Senão, o quê?

CHICA DA SILVA: E os quinhentos mil cruzados, se esqueceu?

CONDE DE VALARES: Que quinhentos mil cruzados, de que você falando!

CHICA DA SILVA: Eu vi tudo! Não se faça de desbriado. E a hipoteca em Portugal, resgatou, governador?

CONDE DE VALADARES: É a sua palavra contra a minha.

CHICA DA SILVA: E tem mais uma coisa...

CONDE VALADARES: Se você abrir essa boca mais uma vez, eu te ponho na masmorra, a sua casa será incendiada, os seus vestidos vão virar pó e até sua linda igreja!

SEQÜÊNCIA 18

EXTERIOR – GARIMPO DE CAETÉ-MIRIM – DIA

142 a 147 – Câmera focaliza, nas imediações de São João da Chapada, o carro conduzido por Altamir, que está só, chegando e estacionando ao lado de uma estrada de terra e de um matagal próximo de um garimpeiro de sua propriedade.

Desce do veículo, caminha alguns metros e se aproxima de uma faisqueira, onde trabalham três garimpeiros, contratados por sua empresa de mineração. Durante algum tempo fica observando o trabalho que os garimpeiros executam, pesquisando diamante num gorgulho bravo que a chuva tinha “coado”. Câmera detalha aspectos característicos do trabalho na lavra, enquanto Altamir caminha de um lado para outro, aproximando-se, à certa altura, de um dos garimpeiros e perguntando:

ALTAMIR: Então, meu caro, acharam alguma coisa?

Um deles que não o conhecia de vista, não sabendo que é o dono da empresa, responde, meio ironicamente:

GARIMPEIRO: Nada, “seu” doutor, nadinha! Só barro, nenhum “dente de cão”.

ALTAMIR: Vocês estão com as ferramentas?

GARIMPEIRO: A “quincaia” ta toda aqui, “seu” doutor.

ALTAMIR: “Quincaia”? Que é isto?

GARIMPEIRO: As labanca, cavadeiras, picaretas, frincheiros, bateias, ralos, tudo, tudinho doutor, toda a tralha.

ALTAMIR: O Sr. trabalha há muito tempo aqui?

GARIMPEIRO: Faz tempo...

ALTAMIR: Dez anos, vinte anos?...

GARIMPEIRO: Dês que abriram a mina, tão logo mataro o compadre. Ês fala que o popretário da mina prumou duma hora pra outra. Uns falam que ele ganhou na loteria; outros fala que ele roubou e matou. Diz que ele tá sorto té hoje que ês tão roubando dele. Mas esse povo conversa muito fiado, né, Seu...

ALTEMIR: Altamir e o seu?

GARIMPEIRO: Nerson, mas ês me chama de Lampião.

ALTEMIR: Por que Lampião, Sr. Nelson?

GARIMPEIRO: É que ês na rua fica caçoando de mim, que ês falam que eu sou bravo. (pára, apóia na pá e encara Altamir.)

ALTEMIR: O Sr. fala um bocado hem, Sr. Nelson?!

GARIMPEIRO: Quem manda o Sr. puxar conversa. Eu tava quieto aqui no meu canto.

ALTAMIR: Tudo bem, seu Nelson, boa sorte aí nas peneiradas. A propósito, o Sr. viu o José Fernandes por aqui?

GARIMPEIRO: O encarregado? Passou aqui, muito afoito, perguntou se viu um carro com a placa de Belzonte, eu não tenho leitura, mas ele subiu lá pros lados da Tronquera.

Altamir vira-se bruscamente dando as costas aos homens do garimpo, enfia a mão por debaixo do paletó apalpando o revólver: Olha em direção ao lugar onde José Fernandes se encontra, deixando transparecer o intuito de matar o genro. Afasta-se do garimpo e, pela trilha de terra, caminha na direção do carro, protegido do sol forte pelas árvores.

Seguido pela câmera, em “travelling”, alcança depois o veículo e abre a porta, sem perceber a aproximação de um vulto, escondido no matagal, que se aproxima, retira do bolso um punhal e enfia violentamente nas costas de Altamir. Esfaqueia-o mais duas vezes. Altamir tomba ao lado do carro, murmura alguma coisa desconexa e tomba ensangüentado no chão, E morre, enquanto o assassino, guardando o punhal no bolso, mete-se no matagal e desaparece.

INTERIOR – CASA DE FRANCISCA – DIA

147. Em corte direto, câmera focaliza Rutinéia em seu quarto. Retira de uma bolsa uma faca pontiaguda de cozinha, que ela limpa com um trapo, sobe numa cadeira e apanha sobre um guarda-roupa uma mala velha, nela guardando a faca. Depois pára em frente da imagem de Nossa Senhora. Tensa, concentra-se para se dirigir-se à imagem, suavizando-se em seguida. Cruza a mão e dirige-se a ela:

RUTINÉIA: Minha santa, eu nunca mais vou esquecer aquele dia que aconteceu aquela desgraça com o meu Raimundo. Ele chegou de tardinha na bicicleta, e a Sra. há de se lembrar da cadeirinha na frente da bicicleta que ele fez pra levar a Francisquinha pra passear. Ele, veio, pegou

a menina e começou a dar volta com ela. Ia lá longe no bambuzal e quando passava perto de mim, ela abria os braços e mostrava um sorriso com a cara mais boa do mundo. Ia lá longe, voltava e repetia tudo de novo. Foi assim até começar a escurecer. Depois ele saiu, falou que ia ver uns negócios e nunca mais voltou.

Olha aqui, minha santa. Tem mais uma coisa. O meu coração estava me contando que o Altamir ia matar o José Fernando. Meu coração não ia suportar que aquele homem de novo ia acabar com outro amor, ainda mais da minha filha. (A cena da Francisquinha na bicicleta deverá ser produzida enquanto Rutinéia fala).

Na noite em que Altamir é assassinado, Mercês vai à lapidação, dirige-se à mesa de Francisca, abre a gaveta e procura qualquer objeto pessoal para incriminá-la pelo assassinato do proprietário. Acha uma pulseira e a deixa no local do crime

INTERIOR – QUARTO DE FRANCISCA – DIA

148. Em corte direto, câmera focaliza Francisca, ainda estendida na cama, o rosto pálido, os olhos abertos, tristes e atormentados.

Em seguida se levanta e, sem pressa, despe-se e vai ao banheiro.

INTERIOR – BANHEIRO DA CASA DE FRANCISCA – DIA

149. No banheiro Francisca liga a torneira de água fria, começa a banhar-se e, pouco depois ouve sua mãe dizendo:

RUTINÉIA: Você está muito atrasada, minha filha. Não vai ter tempo de tomar café...

Francisca, ainda sob o chuveiro, fecha a torneira, apanha a toalha, enxuga o corpo e responde à mãe:

FRANCISCA: Atrasada, mamãe? Fui despedida, não lembra? Sou uma desempregada, uma mera desempregada...

RUTINÉIA: Não ouvi bem. “merda” desempregada?...

FRANCISCA (ainda se enxugando): Mera, mamãe, mera! Mas merda também serve!...

Ouve-se nesse instante a buzina de um carro. Francisca veste-se rapidamente e diz à mãe:

FRANCISCA: É o José Fernando. Vai depressa, mamãe, mande ele entrar, enquanto termino de me arrumar.

EXTERIOR – VARANDA DA CASA DE FRANCISCA – DIA

150. Chegando à varanda, Rutinéia avista não o José Fernando, mas o Delegado, doutor Jacinto, que desce do carro da Polícia e, com um policial uniformizado, aproxima-se da mãe de Francisca e lhe fala:

DELEGADO: Bom dia, dona Rutinéia. O senhor José Fernando está na casa?

RUTINÉIA: Não está não, doutor Jacinto. O senhor quer falar com ele?

152. Em novo enquadramento, câmera focaliza Francisca que chega à varanda e, avistando o Delegado, pergunta:

FRANCISCA: Bom dia, doutor Jacinto. Algum problema?

DELEGADO: Sim. Um grande problema. O Senhor Altamir foi assassinado!

FRANSICA: Assassinado?! O doutor Altamir? Deus do céu!

153. P.P. de Rutinéia, calada com expressão estranha.

154. P.M. de Rutinéia, Francisca, o policial e o Delegado que pergunta:

DELEGADO: Onde posso encontrar o José Fernando?

FRANCISCA: Posso saber o que o senhor deseja com ele?

DELEGADO: O senhor José Fernando é o principal suspeito.

155. P.P. de Francisca, exclamando, atônita:

FRANCISCA: Suspeito, José Fernando?! Ele é incapaz de matar uma formiga! Por que o senhor afirma isso?!

156. P.M. de todo o grupo, favorecendo o Delegado, que explica:

DELEGADO: Teve uma violenta discussão com o sr. Altamir, que o demitiu da empresa. E além do mais foi visto nas imediações do crime. Mais isso é assunto para a investigação policial.

FRANCISCA (com certa irritação): Também tive uma violenta discussão com a filha do sr. Altamir. Então também sou suspeita, doutor Jacinto?!..

DELEGADO (irritado): É e muito! (Enfia a mão no bolso). Conhece essa pulseira Dona Francisca? Foi encontrada no local do crime. A Sra. não pode sair da cidade!

FRANCISCA: Meu Deus!

O delegado volta-se para a Rutinéia e acrescenta:

DELEGADO: A senhora também, dona Rutinéia. Não pode sair da cidade.

157. Focaliza-se o carro de José Fernando que chega e estaciona diante da casa. Francisca vai ao seu encontro e, um pouco afastados, informa o que está ocorrendo. Depois se aproxima do Delegado, que lhe fala:

DELEGADO: É uma intimação. O senhor vem comigo à Delegacia.

DIRETOR (José Fernando): Posso ir em meu carro?

DELEGADO: Não. Vamos todos no carro da Polícia.

158. José Fernando aproxima-se de Francisca, beija-a e lhe diz:

DIRETOR: Fique tranqüila, Francisca. Telefone para o Evandro, meu advogado, e peça para ir com urgência à Delegacia. Fique calma, tudo vai se arranjar.

Beija-a novamente, aperta a mão de Rutinéia, dizendo:

DIRETOR: Cuide dela, dona Rutinéia. Até logo.

Depois embarca no carro da polícia.

FUSÃO

SEQÜÊNCIA 18

INTERIOR – ALPENDRE DA CASA DE CHICA DA SILVA – NOITE

159. Dormindo e sonhando, Francisca volta a reencarnar Chica da Silva, fixada no alpendre da casa onde reside com o Contratador. De novo recorremos a Agripa Vasconcelos, que descreve em seu livro famoso a despedida de Chica e do Contratador:

“No alpendre, de olhos marejados, o Contratador abraçou Chica, prestes, em súbita fraqueza, a desabar em pranto.

CONTRATADOR: Adeus, amor, adeus Chica, reze por mim.

Chica beija-o na boca, na testa, nas mãos geladas, dizendo:

CHICA DA SILVA: Até breve, João! Deus será seu guia. Não me esqueça, amor!

160.

Capitão Cabral, que fora buscar o Contratador, aproxima-se de Chica e lhe diz:

CAPITÃO CABRAL: O Governador pede desculpas por ter dormido na Intendência, onde passou resolvendo alguns casos. Pede que lhe agradeça a hospitalidade.

CHICA DA SILVA: Da próxima vez que ele vier à Diamantina diga-lhe que vou hospedá-lo na estrebria, Capitão! Em vez de vinho do Porto ele vai beber mijo de égua preta, Seu Capitão! (E bate-lhe a porta na cara).

161. P.G. do portão da saída da chácara, favorecendo João Fernandes, confuso, encarando a amante e montando precipitado. Chica atirou-lhe um beijo com a mão, gritando:

CHICA DA SILVA: Volte logo!

Câmera panoramiza e focaliza a tropa comandada pelo Capitão Cabral vendo-se a seu lado o Contratador João Fernandes de Oliveira, partindo a trote largo.

162. P.M de Chica, ainda no alpendre, acompanhando com os olhos a partida do Contratador e da tropa portuguesa.

Câmera faz panorâmica e enquadra, em P.G., a tropa e Contratador que desaparecem numa curva da estrada.

EXTERIOR – CASA DE FRANCISCA – DIA

162. Em seqüência paralela, câmera volta a fixar a casa de Francisca na Diamantina de nossos dias, focalizando a partida de José Fernando, já instalado no banco traseiro, ao lado do Delegado, no carro da Polícia. O motor do carro é ligado e, antes que parta, com a sirene ligada, José Fernando despede-se com a

mão de Francisca, parada no alpendre. Na trilha sonora, pontuando as imagens finais do filme sob a voz do seresteiro da Sequência 12, cantando, acompanhado pelo conjunto musical, a última estrofe da velha cantiga:

“Mas partiste sorrindo e não voltaste.
o que ficou sofrendo e que ficou
foi esta alma infeliz que não te esquece,
é o farrapo esquecido que hoje sou...”

O som da sirene do carro da polícia sobrepõe-se ao cantar do carro de boi, sugerindo mudança de época.

EXTERIOR – CASA DE CHICA DA SILVA – NOITE

163. Parada no alpendre da chácara, Chica da Silva ainda observa a partida do Contratador, em off. Depois, lentamente, retorna ao interior da casa.

EXTERIOR – CASA DE FRANCISCA – DIA

164. Câmera focaliza Francisca de P.G., pára na varanda, observando também a partida de José Fernando, ouvindo a sirene do carro policial se perdendo na distância.

Francisca, da mesma forma que Chica da Silva, retorna lentamente ao interior da casa e fecha a porta, sobre a qual surge a palavra tradicional

FIM

Roteiro de Geraldo Santos Pereira

Colaboração de José de Anchieta de Assis Rocha